



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

The Report: uma análise investigativa do pós-ataque às Torres Gêmeas.

Lara Lima Resende^I

Os ataques às Torres Gêmeas e ao Pentágono, em 11 de setembro de 2001, teve uma notória repercussão devida à fatalidade causada e os rumos neles inseridos. Mesmo após vinte anos dos atentados, obras cinematográficas surgem a fim de retratar as configurações dos ataques e suas dimensões no âmbito internacional, político, militar e religioso. Como exemplo, temos as películas *11 de Setembro* (2003), *Tão Forte e Tão Perto* (2011), *The Looming Tower* (2018), o documentário *102 minutos que mudaram o mundo* (2009) entre outros. Neste contexto, o filme *The Report* (2019) traz uma análise diferente. A obra se centra no pós-atentado e nas investigações do governo e serviços de inteligências norte-americanos a fim de ponderar determinadas investigações feitas pela *Central Intelligence Agency* (CIA).

Baseado em fatos, *The Report* retrata da crise no Estudo do Comitê de Inteligência do Senado do Programa de Detenção e Interrogatório da CIA. Scott Z. Burns, diretor e roteirista do filme, traz uma análise jornalística-investigativa acerca do tema. A história inicia em 2003, quando Daniel Jones (Adam Driver), recém-formado em Havard e com vasto currículo na área de Segurança Nacional, visa um cargo em sua área no Senado, mas é aconselhado pelo chefe do Gabinete Denis McDonough (Jon Hamn) a tentar algum trabalho em alguma agência de inteligência. Em um salto temporal, o enredo vai para 2007, quando Daniel está trabalhando na CIA e é convocado pela Senadora Dienne Feinstein (Annette Bening) para investigar o porquê da destruição de fitas que continham as gravações dos interrogatórios dos supostos envolvidos nos ataques da Al-Qaeda em 2001. Para isso, o trabalho seria feito em um lugar secreto, tinha-se o prazo de um ano e era necessário ser imparcial; questões e relações pessoais não deveriam interferir.

O filme referencia momentos importantes na condução da investigação acerca dos ataques de 11 de setembro de 2001 e traz à tona o momento inicial desses interrogatórios. Em 16 de setembro de 2001, ordenada pelo então presidente dos Estados Unidos, George W. Bush (1946-), mudanças foram feitas na Liderança do Comitê da CIA a fim de achar os culpados e inseridos nos ataques em Nova York e Washington, tendo a permissão para a captura e prisão. O primeiro a ser encontrado, pelas mãos do integrante do grupo de contraterrorismo do FBI Ali Soufan, foi Abu Zubaydah, em 2002. Para a CIA, Zubaydah era o líder da Al-Qaeda fora do Afeganistão. Tendo em vista a importância do capturado, foi proposto pelo psicólogo James Mitchel (Douglas Hodge), inserido nesse Comitê, o uso da força, tortura e humilhação para obrigar o acusado a delatar informações cruciais sobre futuros ataques e quem estaria participando; tais atos iam de encontro ao pensamento de Soufan, caso que o fez se afastar das investigações. Posteriormente, o suposto militante Gul Rahman fora capturado em Peshwar, Paquistão. Com ele, o Programa de Tortura teve o objetivo de retirar-lhe o senso de controle através de privações de sono, agressões físicas, afogamentos entre outros.

Através da investigação do banco de dados da CIA, em 2009, Daniel descobre algumas distorções nos relatórios da agência. Em primeiro lugar, referente a Zubaydah; ele não era o principal líder da Al-Qaeda, mas sim o número 3 ou 4 dentro daquela estrutura de comando. O programa de interrogatório, e os abusos praticados dentro desse, tiveram início no trato com tal

RESENDE, L. L.

liderança jihadista e foram adotados pela CIA e pelo Departamento de Segurança. Quanto a Rahman, devida às fortes agressões, ele morreu de hipotermia durante uma sessão. Em último, houve o indiciamento de Khalid Sheikh Mohammed em razão de sua participação nos ataques ao World Trade Center em 1993 e por ele ter, supostamente, contado mentiras durante suas sessões de interrogatório.

A partir de 2011, Daniel descobre que os relatórios da CIA dados a Bush divergiam em relação às ações realmente praticadas. A agência distorceu as informações sobre as operações e ocultava determinados trechos dos relatórios. Pôde-se constatar que ao menos 119 pessoas foram interrogadas sob as práticas de torturas. Ao menos 25% delas não deveriam ter sido detidas e, portanto, afirmavam que suas práticas não tinham efetividade nas operações. De certo, após o 11 de setembro, o receio da população sobre novos ataques era alto. A CIA deveria preservar a segurança da população norte-americana e garantir que isso fosse feito de modo pragmático. Contudo, ao notar que seus métodos não estavam sendo efetivos, houve temor de que a ineficácia de seu trabalho fosse exposta ao público. A solução para tanto foi a falsificação de informações e resultados das investigações.

Posto isso, a partir de 2013, Daniel e a Senadora Feinstein tentam a todo custo a aprovação da publicação deste relatório, que continha sete mil páginas relatando todo o processo de investigação da CIA. Sessões no Senado, interrogando antigos agentes, foram feitas a fim de se atribuir novas informações das causas das incoerências aos métodos usados, que iam de encontro aos direitos humanos defendidos pelos Estados Unidos. No entanto, houve diversas contradições à publicação desse relatório, visto que poria uma imagem contraditória dos Estados Unidos ao público. Driblava-se a decisão sobre a emissão desse material. Na penúltima reunião a fim de se decidir os rumos do relatório, a maioria dos democratas compostos no Senado foram a favor da publicação, mesmo que Denis McDonough, então chefe do gabinete de Barack Obama, fosse contra e estivesse empenhado a não expor esses fatos. Após essa aprovação, na última reunião, Feinstein faz um breve discurso acerca da decisão e importância dessas informações virem à tona. Em uma parte dele, ela ratifica: “A história nos julgará por nosso compromisso como uma sociedade guiada pela lei e a disposição de encarar a verdade e dizer nunca mais”.

Com a sua publicação em 2013, Daniel deixa o Comitê. Em 2015, foi assinado pelo presidente Obama (1961-) a Emenda “Melain-Feinstein” proibindo as “técnicas melhoradas” do interrogatório da CIA. Entretanto, nenhum funcionário fora julgado pelo uso de tais práticas. Ao contrário, muitos foram promovidos, e um deles se tornou diretor da agência.

Assim, *The Report* se destaca por trazer ao público os acontecimentos que se seguiram aos ataques de 11 de setembro de 2001 sob a perspectiva da forma como a agência norte-americana lidava, às escondidas, com as investigações sobre os atentados. Reluz na problemática de se estabelecer métodos cujos eram contrários aos direitos humanos e, ao mesmo tempo, eram praticados por grupos terroristas. É notório quando há cenas, durante as investigações para com a CIA, focando nas palavras contidas no relatório ratificando os métodos aprimorados usados sob uso da força. Como também, as informações impressas escondidas sob cor preta para que não tivessem acesso a elas. Atrelado a isso, vemos Daniel, dentre os cinco anos de investigação, afirmar que sonhava estar sendo afogado ou torturado. Ele também foi alvo de ataques em lugares públicos por antigos componentes da CIA, que alegavam a ineficácia e a vergonha ao país gerada pelo trabalho de investigação. Daniel sofre ainda uma ameaça de prisão sob acusação de ter *hackeado* a rede de informação da agência. Desta forma, o filme traz a perspectiva política a qual está inserida. Mas também, daqueles que estão inseridos e tem a vida pessoal interferida sem qualquer perspectiva.

Ao final dele, exhibe-se uma breve passagem do primeiro presidente dos Estados Unidos, George Washington (1732-1799) que sintetiza a causa e consequência dessa investigação a qual,

RESENDE, L. L.

portanto, não se fora aplicada: “Se um soldado americano for tão infame e machuque um prisioneiro, eu ordeno que ele sofra uma punição exemplar que a enormidade do crime possa pedir, pois tal conduta traz vergonha e desgraça a ele próprio e ao seu país.”

Notas

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Integrante do Grupo de Estudo do Tempo Presente (GET/UFS). E-mail: lara@getempo.org.

Referências

CORDEIRO, Tiago; GARATTONI, Bruno. 11 de setembro: o que veio depois. Super Interessante. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/11-de-setembro-o-que-veio-depois/>. Acesso em 2 de junho de 2021 às 18h55.

O Relatório. Adoro Cinema. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-260709/>. Acesso em 1 de junho de 2021 às 12h05.

THE Report. Direção de Scott Z. Burns. Reino Unido: VICE Studios, 2019. Amazon Studios (119 min.).

ROSADO, Rafaella. Crítica | ‘O Relatório’: um filme necessário sobre as torturas cometidas pelos EUA. Quarta Parede POP: Séries, Filmes e Cultura Pop. Disponível em: <https://quartaparedepop.com.br/2019/10/21/critica-o-relatorio-the-report/>. Acesso em 2 de junho de 2021 às 18h48.